

‘Lugares de Memória’: Habitações operárias no início do século XX

Os casos da *Rheingantz & Cia.* (atual Companhia União Fabril)
e da *Central Térmica de Saint-Ouen* (atual EDF)

(en français, p. 129)

VIVIAN DA SILVA PAULITSCH¹

Doutoranda em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (SP)

RESUMO O presente artigo propõe abordar o trabalho de arquitetos que participaram em sua carreira de grandes construções ou até mesmo de premiações, mas que também se dedicaram ao trabalho voltado à habitação popular e operária. Tentar-se-á mostrar dois projetos de patrimônios industriais localizados um na França e outro no Brasil, nos quais há uma produção arquitetônica de habitações populares para fins de acomodação dos funcionários das empresas. O primeiro caso é uma indústria têxtil, a primeira do estado do Rio Grande do Sul – Brasil, a Cia. União Fabril (ex-Rheingantz & Cia.). Nesta, ainda tem-se praticamente todo o conjunto edificado, porém a fábrica faliu na década de 1970. O outro exemplo é de uma companhia elétrica localizada nos arredores de Paris, em Seine-Saint-Denis – a central termelétrica de Saint-Ouen, que atualmente pertence à EDF (Electricité de France).

PALAVRAS-CHAVE Arquitetura Industrial, Arqueologia Industrial, Habitações do século XIX.

ABSTRACT At Rio Grande city, Rio Grande do Sul State, the merchant Carlos Guilherme Rheingantz, in November 1873, founds the Cia. União Fabril (ex-Rheingantz) – the first at Rio Grande do Sul. The company, along the years, established an habitational politics. The dwellings done for the workers since 1884 are buildings that are present, still today, in the composition of the urban landscape. The analysis of the architectural production of this Housing Industry was done through a comparison of a located electric company in the outskirts of Paris, in Seine-Saint-Denis, the thermoelectrical of Saint-Ouen (France), belonging currently to the EDF (Electricité de France). Get know the builders’ visual culture of that time and the dialogue that they established with the dwellings between Cia. Union Fabril in Brazil and Saint-Ouen in France. Through this search of comparisons, it could be enlarged the works in reference which is transported in this study of case.

KEYWORDS Industrial Architecture, Industrial Archaeology, Houses – Century XIX.

A Revolução Industrial do século XIX destaca o problema do alojamento de operários. A enquete realizada no momento da exposição universal de 1867 indica que, dos seis milhões de operários, 65 mil moravam nas instalações da empresa, principalmente no norte e no leste da França. Alguns eram instalados em casernas ou, às vezes, até mesmo no interior da fábrica, em vastos dormitórios; outros, com mais mérito, possuíam casa individual.

Godin, os fabricantes Mulhouse, Menier e Krupp são exemplos de construtores de casas ou de apartamentos para o seu pessoal. Aportaram mudanças brutais pela excelência de suas realizações, bem como teorias do alojamento operário. Apenas durante o início do século XX, progressivamente, sobre o conjunto do território francês, mas, sobretudo nas regiões industriais, outros fabricantes tomam exemplo sobre esses inovadores. Haja vista que, no panorama brasileiro, bairros mais antigos da cidade de São Paulo como Bom Retiro, Brás, Moóca, Belém, Belenzinho, Lapa e Ipiranga – estão repletos de vilas construídas junto às fábricas. Através desta busca de comparações, pode-se ampliar as obras em referência a que se transporta o estudo de caso de habitações operárias.

Cia. União Fabril – ex Rheingantz

Na cidade do Rio Grande (RS) o comerciante Carlos Guilherme Rheingantz, em novembro de 1873, funda a Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Rheingantz & Vater, a primeira do Rio Grande do Sul, que mais tarde passa a denominar-se Companhia União Fabril. A fábrica inicia suas atividades em 1874 em pequena escala e com pequeno capital. No Catálogo da Exposição de 1901, de Porto Alegre (RS), obtém-se a informação de que a fábrica foi ampliada em 1876 e, posteriormente, de 1882 a 1899, teria tido outros sucessivos aumentos de capital e material. Em 1891 foi transformada em sociedade anônima, com o nome de União Fabril e Pastoril, e em 8 de julho de 1895 a razão social novamente sofreu modificação para Companhia União Fabril. A empresa foi pioneira na produção de tecidos e panos de lã, e tinha uma criação de ovelhas que, na exposição Brasileira-Alemã de 1881, em Porto Alegre (RS), recebeu oito medalhas.

A fábrica contava com costureiras que trabalhavam fora e com as órfãs do asilo, que eram encar-

regadas de torcer as franjas dos xales. A mão-de-obra da fábrica era constituída por dois terços de mulheres (que trabalhavam na produção) e um terço de homens (na manutenção). Fornecia, em grande quantidade, capas e cobertores para o Exército Brasileiro, atingindo seu auge de produção na época da Primeira Guerra Mundial. Para isso, chegaram a trabalhar duas mil pessoas. Nessa época já era conhecida como Companhia União Fabril.

A fábrica obteve uma localização inicial em frente a uma das mais antigas cadeias da cidade, trasladando-se mais tarde para o endereço atual. Sua produção tinha abrangência regional, nacional e de exportação para os Estados Unidos e Europa. Em 1904, o Comendador Rheingantz² toma uma iniciativa pioneira, instalando a primeira fiação penteada do país, o que possibilitou a fabricação de tecidos finos, casimiras, etc. A busca por novas atualizações tecnológicas, principalmente na Europa, era uma constante na administração da empresa e do próprio Carlos Guilherme Rheingantz.

Em termos de implantação, os lotes da Vila Operária são distribuídos uniformemente ao longo da Av. Rheingantz, ao lado do prédio principal da fábrica, de forma simples e geométrica, nos moldes do traçado xadrez provindo da cultura luso-brasileira, com lotes de testada pequenos e compridos. A casa se desenvolvia ao longo do lote, mas nas casas dos de maior graduação temos lotes com testadas maiores e o uso de recuo frontal; as casas são na maioria isoladas no lote. Entretanto, no decorrer da década de 1920, em função das dificuldades da empresa, houve uma paralisação na construção e nos reparos das moradias. O fornecimento de habitações alugadas para os operários perdurou até 1968, quando decretada a falência da empresa. Esta se deu pela concorrência de confecções e magazines que importavam lãs e produtos do Uruguai, com preços menores no mercado. [Figs 1 a 3]

A empresa, ao longo dos anos, estabeleceu uma política habitacional, constituindo assim uma vila operária com casas enfileiradas, casas isoladas para mestres e técnicos, um grupo escolar, jardim de infância, cassino ou clube dos mestres, ambulatório médico e armazém cooperativo. As casas feitas para os operários desde 1884 são edifícios que estão presentes, ainda hoje, na composição da paisagem urbana. [Figs. 4 a 13]

Dentre todas as habitações que pertencem ao conjunto da Vila Operária, as casas para mestres³ são, na hierarquia das construções, as que possuem maior dimensão e complexidade, além das de uso coletivo como a escola, jardim de infância e o cassino (espécie de hotel para mestres recém-chegados).

O cassino dos mestres é de autoria do Escritório de R. Ahrons, estando à frente dos projetos o arquiteto Theodor Wiederspahn. O projeto foi construído em 1911, o escritório central supõe-se que tenha sido iniciado em 1909 e finalizado em 1911, baseando-se nos jornais da época e nos relatórios da fábrica, e é também de autoria do mesmo construtor, bem como a escola datada de 1912 e o jardim de infância do ano de 1911.

O arquiteto Theodor Wiederspahn⁴, com cerca de trinta anos, desembarcou em Porto Alegre em 1908, atendendo a um convite para trabalhar em uma companhia belga. Porém, já possuía certa experiência em empreendimentos familiares, pois tinha construído 15 palacetes em parte dos terrenos que seu pai comprara para fins de loteamento. No entanto, não conseguindo o emprego prometido com a firma belga, foi apresentado a Rudolph Ahrons – que era dono da maior empresa construtora da cidade de Porto Alegre. Theodor Wiederspahn foi então colocado à chefia de departamentos de projetos de construção entre setembro de 1908 e dezembro de 1915, quando Ahrons fechou devido aos problemas da guerra.

Conforme Gunther Weimer⁵: “A disponibilização de parte do seu arquivo revelou que não se tratava apenas de um arquiteto que havia realizado uma ou outra obra de valor, mas que foi o arquiteto mais importante do Estado na primeira metade do século passado”, justificando a qualidade dos principais edifícios que pertencem ao complexo Rheingantz.

Entre alguns exemplos de obras realizadas por Wiederspahn na capital gaúcha, bem como no interior do estado, pode-se citar: o atual MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli) – Porto Alegre; Delegacia Fiscal; Correios e Telégrafos (atual Memorial do Rio Grande do Sul); Cervejaria Brahma; a primeira etapa do Hotel Majestic (atual Casa de Cultura Mário Quintana) e a Faculdade de Medicina da UFRGS. Em Pelotas, o Banco Pelotense e a Previdência do Sul (dito cinema Guarani); mas,

a maioria foi irresponsavelmente demolida como a Caixa Econômica, Banco da Província, Irmãos Weingartner, Café Colombo.

Cassino dos mestres

O Cassino dos Mestres era um edifício que pretendia atender às funções de lazer e habitação para alguns mestres e, principalmente, aos recém-chegados da Europa. Porém, também sediou a mutualidade (armazém), a biblioteca e após foi utilizado como casa para mestre. [Figs. 14 a 16]

O projeto foi solicitado ao escritório de R. Ahrons, que em maio de 1911 concluiu o trabalho. A edificação é construída em terreno de esquina isolada no lote, com recuos frontais iguais nos dois cantos. A casa salienta-se no entorno por sua posição, de ser lote de esquina favorecido pela conformação das vias. O Cassino dos Mestres ocupa uma localização de destaque em termos de marco visual e ponto focal, e é, dos equipamentos da Vila Operária, o de maior proximidade com o prédio da Administração.

Trata-se de uma edificação de volume único retangular e algumas reentrâncias e saliências; uma cobertura extremamente complexa com planos de distintos ângulos, assimétricos, suscitando uma movimentação nas formas plásticas da cobertura.

O nível de deteriorização do prédio é bastante elevado, não havendo mais alguns elementos estruturais de piso, forro e a maioria das aberturas. A técnica construtiva do enxaimel⁶ é usada somente com função de ornamentação e não estrutural. Proferindo sobre o uso do enxaimel nas construções feitas no Rio Grande do Sul, este tipo de arquitetura é singular e autêntica da sociedade de imigrantes alemães do Estado.

Escritório Central

Na falta da planta original deste edifício, que é de uma sofisticação ímpar para as construções da região nessa época, foi necessário recorrer aos Relatórios da Fábrica e aos jornais deste período – como foi abordado anteriormente, além de levantamento detalhado feito através de medições e fotografias com a elaboração de plantas. [Fig. 17]

Para que se pudesse ter uma data próxima de começo e término da construção, bem como o lança-

mento da hipótese da autoria do projeto ser de Theo Wiederspahn – pelo fato de o Cassino dos Mestres ser de autoria do Escritório de R. Ahrons no ano de 1911 e o escritório ter sido iniciado em 1909 e finalizado em 1911, assim como para fundamentar a hipótese acima – foi utilizada uma notícia da primeira página do jornal *Echo do Sul*, de 28 de novembro de 1910.

Possui dois ressaltos laterais e uma simetria bilateral na fachada caracterizada por um eixo que parte do frontão triangular⁷ central com um relógio presente no telhado em mansarda. Neste, nos ressaltos, tem-se duas janelas de lucarna. No corpo do edifício há presença de bossagem inserida na superfície da parede, a estruturação é composta por pilastras e a textura feita pelas linhas retas da bossagem diminui a verticalidade proposta pelas pilastras.

Jardim de infância, casa n. 176

O Jardim de Infância é um projeto também do Escritório de R. Ahrons concluído em setembro de 1911⁸. Sua função modificou-se ao longo dos anos, tornando-se residência de mestres. A implantação da casa é isolada no lote com recuo frontal de ajardinamento de 4 m, como nas demais. A forma plástica é de um prisma retangular com uma articulação harmônica de saliências e reentrâncias no conjunto e na planta. Na cobertura, observamos uma justaposição de formas. [Fig. 18]

Em relação ao entorno imediato, temos uma característica de dominância em relação às outras casas. O prédio utiliza a técnica construtiva do enxaimel, como forma de ornamentação e não estrutural. As fundações são feitas de pedra aparelhada e as paredes de alvenaria portante de tijolos maciços. O telhado é de tacaniça-anã⁹ e usa um treliçado no perímetro, abaixo do beirado. As estruturas da cobertura são tesouras de madeira, caibramento revestido de tábuas que descansam no frechal, uso de telhas de cerâmica com uma qualidade construtiva magnífica na proporção dos volumes que constituem as várias declividades das águas da cobertura.

Escola

O Grupo Escolar Comendador Rheingantz foi projetado pelo Escritório de R. Ahrons, em novem-

bro de 1911, e a obra terminou em setembro de 1912. Trata-se de um prédio em forma de C, com um volume de cobertura único de mesmo formato e triangular. Em termos de implantação a escola é isolada no lote com um recuo, sendo diferente das demais casas de mestres e tendo o mesmo alinhamento do prédio da esquina, que é o Cassino dos Mestres. Em relação ao entorno, possui uma característica de singularidade: a cobertura é do tipo duas águas com telha francesa e com estrutura de tesouras de madeira. A fachada possui uma simetria bilateral, diferença de tratamento de fachada nos ressaltos e na parte central. O frontão para marcar os acessos é de arco abatido, possui frisos e uma ornamentação no centro com volutas e festões; os belos frontões dos ressaltos possuem volutas e curvas e um óculo em cada um. [Fig. 19]

Central Térmica de Saint-Ouen – Saint-Ouen, região de Paris (atual EDF)

A Central Saint-Ouen é muito importante na medida em que, no início do século XX, conveio de reconsiderar a rede elétrica de Paris. A construção começou em 1910, foi edificada sob a égide da Companhia Parisiense de Distribuição de Eletricidade (CPDE), constituída em 1907 para tomar a retransmissão das antigas sociedades parisienses. A nova central seria um dos primeiros objetivos na reorganização deste sistema obsoleto.

Foi construída para aliar o máximo de potência com o mínimo de implantação. A Central de Saint-Ouen tem na história da eletrificação de Paris uma grande importância, porém vamos nos ater ao estudo do plano arquitetural, precisamente nas habitações para os operários:

Primeira etapa (1889-1914): durante esse período é necessário estudar a concepção e a construção da central térmica de Saint-Ouen no enquadramento mais abrangente da eletrificação de Paris. Quanto ao conceito de edificação, a partir de 1907, as escolhas técnicas pertinentes efetuadas no momento da construção da central contribuíram para dotar a capital de um sistema elétrico moderno.

Segunda etapa (de 1914, data do começo dos trabalhos, a 1945): a Central de Saint-Ouen adquire uma importância acentuada sobre o *réseau* (rede elétrica) parisiense.

Após a Primeira Guerra Mundial – que vive uma diminuição e depois um recomeço da atividade elétrica – a modernização da usina, efetuada nos anos 1920, bem como a implantação de uma política social original, contribuem para o apogeu da central que vai durar até a Segunda Guerra Mundial.

A terceira etapa, de 1946 a 1966, data da implementação da segunda parte de 250 MW de Saint-Ouen II, é consagrada às duas épocas distintas da história do lugar da central: a primeira – de 1946 a 1965 – retraza a modernização da antiga usina de Saint-Ouen, e o segundo período – de 1956 a 1966 – marca a demolição da antiga Central de Saint-Ouen.

A quarta e última etapa, de 1967 a 1990, é marcada pelos vinte últimos anos de exploração da central que irão colocar em serviço as novas instalações e sua decadência definitiva. [Fig. 20]

Habitações de operários

A partir desse momento, ater-se-á à investigação precisamente das habitações operárias da Central Térmica de Saint-Ouen, que é uma parte importante do patrimônio industrial dos arredores de Paris. O principal objetivo é chamar a atenção para as construções da fábrica, erguidas por um arquiteto relativamente pouco estudado.

Em Paris desenvolveu-se a construção de edifícios para operários, dos quais os mais famosos são os da Cidade do Conde de Madre, Rua Saint-Maur (1863), cidade Joana D'Arc e cidade Doré no Distrito XIII.

No caso da Central de Saint-Ouen, edificaram para o seu pessoal sobre a Alameda Victor Hugo numa parcela do sítio da empresa, assim como foi feita na Rheingantz mostrada anteriormente. Os alojamentos ficavam próximos do lugar de trabalho, geminados com um pequeno jardim. Uma outra diferença em relação ao Complexo União Fabril (ex-Rheingantz) dá-se pela ausência de equipamentos comunitários na central de Saint-Ouen (atual EDF), como acontecia na C.U.F.

Conforme o selo nas plantas pesquisadas nos arquivos de Saint-Ouen, é o arquiteto Albert Benz¹⁰ quem desenha os planos dos alojamentos das construções para os diretores, engenheiros e contramestres em 1912. Após 1923, mais seis alojamentos em fita.

Um arquiteto que consagra doravante uma parte de sua atividade à concepção da habitação popular é dotado de um novo papel, de uma verdadeira missão social. Albert Benz participou do concurso de fachadas da cidade de Paris em 1904, e o projeto de uma casa na Rua François 1 foi contemplado. Não se encontraram muitas informações sobre a biografia do Sr. Benz, mas, no entanto, encontrou-se uma nota do júri sobre o concurso de fachadas como se vê na citação a seguir¹¹:

Dans l'œuvre de M. Benz, rue François 1^{er}, n. 26, on a eu à louer la souplesse gracieuse des motifs, la façon dont sont reliées deux ouvertures pareilles superposées en constituant un motif unique, une richesse élégante dans ces colonnes adroitement reliées avec un balcon qui ne pouvait s'avancer davantage, et soutenues par de beaux encorbellements. L'esprit de composition a présidé à la répétitions des deux étages, notamment dans le motif d'avant-corps. Souhaitons que M ; Benz renouvelle souvent avec les mêmes ressources d'arrangement et de goût le problème qu'il a si heureusement résolu.

Na central de Saint-Ouen, os alojamentos construídos aos operários são definidos conforme o cargo exercido. Nos arquivos municipais de Saint-Ouen, encontramos planos originais de alojamentos feitos para os engenheiros, diretores e contramestres. São casas geminadas contínuas duas a duas situadas no Bd. Victor Hugo de n. 58, e o projeto data de 1912; em 1913 temos a construção do projeto da casa do vigia. Ao longo do Bd. Victor Hugo (ex-Boulevard da Revolta), as casas em fita de números 68-78, construídas em 1923.

Como podemos observar na implantação¹² a seguir, casas de contramestres, diretores, engenheiros e guarda (volume maior em vermelho), casas 68-78 (volume menor em vermelho). [Figs. 21 a 24]

Infelizmente não se obteve autorização para fotografar as casas dos engenheiros, diretores e contramestres, pois atualmente a pequena rua de acesso foi fechada e os moradores não autorizaram a entrada. Porém, as casas ainda estão em bom estado de construção e, conforme observamos, foram construídas segundo o projeto que consta nos Arquivos Municipais de Saint-Ouen.

Casas de 1923

Entretanto, as casas de número 68 a 78 foram facilmente fotografadas, pois se encontram ao longo do *boulevard* e não dentro do terreno da central que pertence atualmente à EDF (Empresa de Eletricidade da França). [Fig. 25]

O edifício é um conjunto de alojamentos de dois pavimentos com parede dividida e em fita, apresenta uma composição de fachada simétrica e rebatida; uma cobertura de telhas cerâmicas de duas águas com uma lucarna. A fachada possui janelas de abrir com verga reta, postigo de madeira e sobrepostas de molduras horizontais simples. A porta principal apresenta bandeira de vidro e frisos. A qualidade estrutural é muito boa, a fachada parece não ter sido alterada, as casas conservam as suas funções de origem de alojamento dos funcionários. A escala da construção está em forte adequação com o espaço público, o conjunto compõe-se, morfologicamente, de maneira coerente com o ambiente. [Figs. 26 e 27]

Tentamos demonstrar nesses dois exemplos que em seu ofício, o arquiteto não é mais apenas um artista, podendo tornar-se um construtor e um higienista no trabalho que faz em relação às habitações operárias. O papel vai muito além da composição de fachadas e torna-se muito mais próximo do plano de habitação. Em ambos os casos as construções ainda continuam com a mesma função, embora as casas da central de Saint-Ouen, atualmente EDF, estejam em melhores condições pelo fato de ainda permanecer a política de funcionários residirem nessas residências, nesse sítio.

No caso da Rheingantz, algumas construções estão abandonadas, algumas permanecem como residência, outras modificaram o uso, e o estado de conservação em geral é preocupante. Tais semelhanças e diferenças nos proporcionaram uma maior compreensão desse tema e contribuem para o estudo de tipologias e forma de preservação desses patrimônios industriais.

¹ Arquiteta graduada pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel (RS); Mestre em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (SP); Doutoranda em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (SP).

² Por ter recebido Comenda da Intendência Municipal, Rheingantz era chamado Comendador.

³ Os mestres vinham da Alemanha, e eram na maior parte engenheiros.

⁴ Wiederspahn, Theodor Alexander Josef: Nasceu em 12.02.1878 em Wiesbaden. Formou-se na Koenigliche Baugewebeschool de Idstein, no Taurus. Em 1908, aproveitou sua viagem de núpcias de seu segundo casamento para migrar para o Rio Grande do Sul, onde já estava seu irmão Heinrich Josef, que fora contratado para construir o ramal Montenegro-Caxias da Viação Férrea. Problemas burocráticos impediram sua contratação na mesma empresa, em razão do que se empregou como arquiteto responsável pelo departamento de projetos do “Escritório de Engenharia Rudolf Ahrons”. Nesse posto permaneceu de setembro de 1908 a dezembro de 1915, quando a firma encerrou suas atividades devido à guerra em andamento. (Texto de autoria de Gunther Weimer).

⁵ WEIMER, G. *Theo Wiederspahn: sucessos e derrotas*. Jornal do MARGS – Governo do Estado do Rio Grande do Sul – Secretaria de Estado e da Cultura – Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Publicação mensal, junho de 2002, n. 80, p. 8.

⁶ A técnica de enxaimel foi trazida pelo imigrante em sua bagagem cultural e, por isso, ela é essencialmente germânica. Por

contingências ambientais e existenciais, o enxaimel teve de ser recriado e, por isso, ele é totalmente brasileiro, em sua expressão. (WEIMER, G. *Arquitetura da imigração alemã* – Um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Ed. da Universidade/UFRGS, Porto Alegre, 1983, p. 3)

⁷ Com desenvolvimento de cornija do frontão dos sécs. XVI-XVIII (Renascimento)

⁸ Detalhes documentados em imagens da Dissertação de Gui-gou-Norro (1994).

⁹ WEIMER, G. *A arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro europeia ao meio rural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS; São Paulo: Nobel, 1983, p. 61. [Quer dizer um elemento introduzido da arquitetura baixo-saxã conhecido como “Krüppelwalmdach”, cuja tradição literal seria: *telhado de 4 águas anão*. Adaptando essa terminologia à cultura da arquitetura brasileira, Weimer a denomina *tacaniça anã*]

¹⁰ BENZ, Albert. *Travaux: cool*. O. Raquin: IR: 26, rue François Ier (8^e). 1904 (Conc. Public. D’archit., Raguene. IR (3 ét.) 14, rue la Boétie, 2, rue d’Argenson (8^e). 1899 (coll. RAQUIN). IR : 36, av. Montaigne (8^e). 1902. Bibliographie: FLEURY, M. *Dictionnaire par noms d’architectes des constructions élevées à Paris aux XIXe et XXe siècles*. Paris, Service des travaux historiques de la Ville de Paris, 1990.

¹¹ Les Concours de Façade de la Ville de Paris. 1898-1905. Paris, Librairie de la construction Moderne, s/d.

¹² <http://www.atlas-patrimoine93.net/>

Habitações operárias no início do século XX



1



2



3



4



5



6

- 1 Panorama da Fábrica
- 2 Desenho da implantação do complexo
- 3 Panorama das construções
- 4 Panorama das casas de operários
- 5 Casa 102 – mestre
- 6 Casa 130 – mestre



7



8

7 Casa 156 – mestre

8 Casa 176 – mestre

9 Escola – c. 188

10 Casas 60 – 70

11 Casas em fita 72-112

12 Casas 4 e 6

13 Casa 46



9



10



11



12



13

Habitações operárias no início do século XX



14



15



16



17



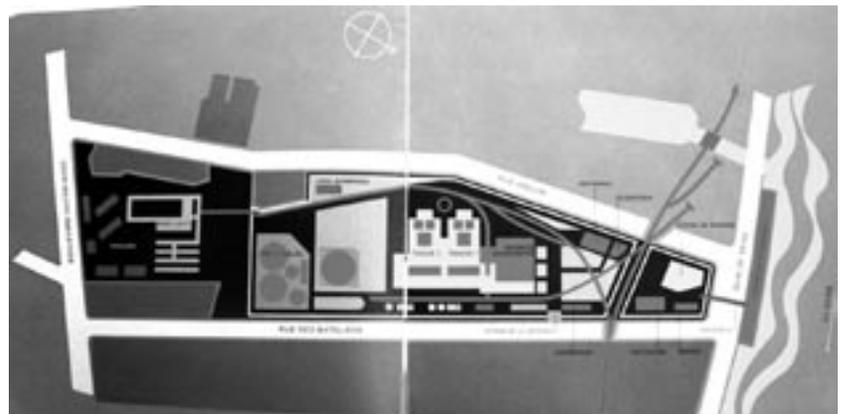
18



19

20

- 14 Casa 194 – Cassino ou Clube dos Mestres
- 15 Fachada atual da Av. Rheingantz
- 16 Casa 194, em frente ao Cemitério – Rua Dois de Novembro
- 17 Escritório Central, atualmente
- 18 Casa n. 176, Jardim de infância
- 19 Estado da Escola em 2003 (atualmente está sendo reformada)
- 20 Implantação da Central de Saint-Ouen





21



22



23

21 Concurso de Fachadas da cidade de Paris (26, François 1er -75008- Paris), ano de 1904

22 Prédio construído em 1899 por M. Albert Benz (14, rue la Boétie – 75008- Paris)

23 Prédio construído em 1902 por M. Albert Benz (36, avenue Montaigne – 75008 - Paris)

24 Implantação em foto aérea

25 Vista geral das casas, bd Victor Hugo, n.68-78

26 Detalhe

27 Detalhe



24



25



26



27